

FRANCISCO QUIRINO E A GAZETA DE CAMPINAS

O conspicuo José Roberto de Azevedo Marques, fundador do "Correio Paulistano", que tinha a paixão do ofício e a acuidade de um grande jornalista, muito embora não chegasse a grande redator, acompanhando a vida brilhante de Quirino dos Santos no curso acadêmico, as suas agitações das rodas literárias e as suas impetuosas escaramuças na campanha abolicionista, percebeu nele as qualidades que, então, mais recomendavam o jornalista ao conceito público.

Acolhendo-o no "Correio Paulistano" quando Quirino ainda cursava a Academia de Direito, e tendo-o depois como ensejo de expandir o seu estro genro, era natural que o velho jornalista desse ao genro o/estilístico arrebatado nas colunas de um outro jornal, nos trabalhos da propaganda. Campinas era o centro indicado para esse lançamento: cidade importante do Interior e centro de convergência de tropeiros, viajantes e abridores de fazendas que não chegavam a São Paulo, possuindo, já então, vida própria e das melhores, e um alicerce de numerosas e sólidas fortunas particulares, era ali que ele sentiu que o novo jornal devia ser lançado. Nasceu, então, a "Gazeta de Campinas", a 31 de outubro de 1869 e conseguiu, de início, 500 assinantes, número positivamente animador, porque o "Correio Paulistano", jornal da capital, levava sua tiragem a pouco mais de 1.500. Ao jornal acorreram os componentes das antigas "repúblicas" estudantinas, já então formados e em plena atividade - Campos Sales, Jorge Miranda, Bernardino de Campos, João Quirino, aos quais vieram juntar-se logo, em correspondência ou colaboração regular, amigos de cidades distantes e o grupo de propagandista da Córte, que reconhecia em Quirino um dos seus mais denodados "pilotos". José Maria Lisboa, que Alberto Faria chamava de "pródigo de atividade operosa" exercia a gerência, policiava a tipografia, arrecadava assinaturas, sugeria planos de publicidade, colaborava em seções do noticiário e ia adestrando uma turma de novatos que, mais tarde, ganhariam esporas de cavaleiros para as complicadas lides

(cont.)

do jornalismo cotidiano. E, além de tudo isso, quando era preciso, em ocasiões de aperto, "batia tipo", pois era ágil tipógrafo e secundava os trabalhos de Hilario Magro Júnior e João Carneiro da Silva Braga, que eram os dois tipógrafos efetivos do jornal. Além dos assinantes tinha o jornal boa venda avulsa, pois, o engenhoso Lisboa instituiu a novidade de mandar à rua um mulato esgalgado e lépido que embocava uma estridente corneta de caça, com fita verde e amarela, sobraçando um maço de "Gazetas" e procurando interessar, muitas vezes com pregões e falas de leiloeiro os transeuntes curiosos na aquisição do seu jornal. Por esse ofício ganhou ele a alcunha de "Luiz corneta". Viveu muito. Eu ainda o alcancei e conheci nos seus últimos anos: trabalhava em decorações de igrejas e de enterros de gala, tocava um instrumento qualquer em cerimônias religiosas e desempenhava a contento funções de copista de cartório e de avaliador judicial: mas dava solenes estrilos, com adequados palavrões, se os garotos de rua ou os meninos de escola, sabedores de suas birras, lhe perguntavam chasqueando: - O' Luiz, onde está a corneta? Ele dava o paradeiro - mas o paradeiro era obscuro; e certamente não correspondia ao lugar exato em que aquele trofeu de épocas distantes estava dependurado...

Com a morte de João Quirino do Nascimento, em 71, que desfalcava o grupo de um companheiro que era o irmão dileto de Chico Quirino, e como ele, poeta e escritor de pulso, gestor financeiro dos negócios do seu escritório de advocacia, a "Gazeta" se cobriu de luto logo aliviado com a entrada de Américo Brasiliense para aquela vaga. A seguir entrava para o jornal Francisco Rangel Pestana, seguido do poeta Carlos Ferreira, a quem estava reservado o destino de levar o jornal, após a morte de Chico Quirino, até seus últimos dias.

2 2 2

De 75 em diante o corpo de redatores e colaborado-

res foi crescendo e chegou a ser dos melhores do nosso país. Além do sexteto já mencionado, entraram a colaborar na "Gazeta", João Vieira de Almeida, Julio Ribeiro, Valentin da Silveira Lopes, Miranda Azevedo, Francisco Glicério, Francisco da Costa Carvalho, João Alberto Sales, Pedro Sanches de Lemos, Martin Francisco, Silva Jardim e a sua turma dos novos, que foi sendo renovada de ano para ano, com Hipólito da Silva, Tomaz Alves, Julio de Mesquita, Antonio A. da Costa Carvalho, Alfredo Fajol, Antonio e José Lobo, Herculano de Freitas d. Julia Lopes e Otávio Mendes, Leopoldo Amaral iniciou a atividade de "reportagens" e, sob a orientação de Carlos Ferreira alargou a atividade para as crônicas humorísticas, abrindo uma seção que, durante mais de um ano trouxe intrigados os leitores, que procuravam saber qual a jornalista que se ocultava atrás do pseudônimo "A. D'umas Figas".

Quirino dos Santos encarregava-se da parte literária, na qual ninguém o excedia. Seu estilo, como já alguém observou, era o de um jornalista que escrevia sempre em verso, mesmo que o fizesse em prosa.

A linguagem era cheia de tropes, de apostrofes retumbantes, de imagensarrojadas no estilo da oratória grandiloquente que estava na moda e fazia fremir de gozo os leitores do jornal, como fazia estremecer em arrepios de entusiasmo os ouvintes dos seus discursos.

Quando se inaugurou a estrada de ferro da Companhia Paulista, trecho inicial de Jundiaí à Campinas, a 11 de agosto de 1872, foi nestes termos que a "Gazeta" noticiou a chegada, à Campinas, do primeiro trem, que daqui levava a comitiva oficial, com o presidente da Província, diretoria da estrada, convidados e jornalistas:

"Contavam-se tres horas e meia quando um estremecimento estranho veio eletrizar em todos os sentidos aquella multidão enorme: ouviu-se longiquo um rugido estridente e os écos repercu-

(cont.)

tiram pelas nossas belas campinas o ferreo galopar do misterioso hipogrifo. O que se passou nesse instante foi uma coisa que não se diz: sonha-se ou vê-se.

Girandolas, foguetes, baterias, aclamações, musicas, tudo se ergueu num ímpeto tão sublime como a própria alma do povo, a perder-se numa vertigem de alegria indefinida. Espectáculo maravilhoso! Entusiasmo assim não se prepara: nasce de si mesmo, como a lava no seio dos vulcões para esbrancear a face das montanhas e derramar o calor e o brilho pela atmosfera incendiada..."

E a noticia, do próprio punho de Quirino segue com esse palavroso e tímido que, certamente fez revibrar de gozo os leitores do jornal.

e e e

Ao lado de composições estrondosas como essa, de que que a "Gazeta" está continuamente enriquecida, nas noticias de festas da cidade - inauguração da Matrz Nova, da Santa Casa de Misericórdia, de uma exposição agricola, conferencias de propaganda abolicionista e outras - tinha o jornal suas secções de polemicas, algumas delas levadas a debates candentes que dão ainda agora a medida do calor e do ímpeto dos contendores.

Os jornais dos partidos monarchicistas tinham o seu corpo de redatores, alguns deles justamente acatados: "O Constitucional", do partido conservador, redatoriado pelos drs. João Gabriel de Moraes Navarro e Luiz Silverio Alves Cruz; a "Tribuna Liberal" do partido liberal, dirigido pelos drs. João Egidio de Souza Aranha, Policarpo de Queiroz e Carlos Noberto de Souza Aranha. Eram jornais diarios, todos os três: Além deles, ali por 1895, surgiu à tona da publicação o "Diario de Campinas", no qual se reuniram um brasileiro e dois portugueses que com o correr dos anos, alcançariam na imprensa campineira um posto de maior relevo do que os órgãos monarchicistas, chegando, nalgumas

campanhas, a emparelhar com a "Gazeta", por todos considerada o melhor, mais variado e prestigioso jornal da terra. Chamavam-se esses jornalistas Antonio Sarmiento, Henrique de Barcelos e José Gonçalves Pinheiro. Declarava-se órgão independente, era abolicionista, mas troçava os republicanos da "Gazeta" e algumas vezes com eles se empenhava em debates venenosos. Como corolario dessas contendas impressas, chegaram algumas vezes, a bate-boca de rua com o corolario de tropelias e bengaladas. O bloco republicano, com Campos Sales, João Alberto e Quirino levava vantagem nesses embates musculares.

Como, porém, Quirino dos Santos não consentia que o seu jornal modelado pelo jornal do sogro, baixasse e tom das polemicas ao nivel rasteiro para o qual era desafiado, teve a idéia de lançar uma espécie de filhote, folha humoristica impressa nas oficinas da "Gazeta" e denominada "O Coaraci", o "Diario de Campinas" recorreu ao mesmo expediente e lançou, de suas oficinas, um apêndice semanal que se chamava "O Incenso". Aquelle era especialmente redigido pelo gerente da "Gazeta", Alfredo Pinheiro, e este pelo outro Pinheiro ( José Gonçalves), do "Diario", Época de eleições; remoques; apelidos; tiradas de ridiculo, de uma a outra facção. E quando o dr. Baltazar Carneiro, homem feio e desajeitado, mas possuidor de aguda intelligencia e especialista em comprar brigas alheias, entrou para o trio do "Diario", secundando Gonçalves Pinheiro no "Incenso", lançou-lhe "O Coaraci", este petardo:

Pode entrar - que eu não me abalo;

Pode entrar - que eu não empurro;

Já cá sustento um cavallo;

Sustentarei mais um barro;

O revide do outro foi violento e descambou como era comum, para referencias insultuosas, de carater pessoal, contra Alfredo Pinheiro, Não teve este vacillação: e, ao defrontar na pra

ça mais central da cidade o outro Pinheiro, em campanha de Sermonto, sobre eles investiu, e fizeram larga barganha de bofetões. Quirino, passado algum tempo, determinou a extinção do moscardo espirituoso, mas provocador que brotava da sua "Gazeta", para evitar que aquele genero de polemicas tirasse ao jornal a circumspecção que este conquistara em campanhas vibrantes, mas sempre orientadas por principios ou altos ideais politicos. A morte de três filhos, a pequeno intervalo, um deles sucumbido num acidente; a falta que fazia o irmão e companheiro de todos os dias, que foi João Quirino; as preocupações da politica, no desempenho de um mandato de deputado à Assembléia Provincial, e as crises de direcção e administração do jornal, em cuja gerencia se sucederam amigos devotados como Alfredo Pinheiro, Pedro Franzen e outros, nenhum, porém, tão completo e eficiente como José Maria Lisboa, que se passara, então, para a gerencia da "Provincia de São Paulo" e para a edição mais ampla dos seus almanaques - tudo isso se somou e impeliu Quirino para S. Paulo, onde fixou residencia.

Temperamento afetivo, derramando em ternuras com os filhos, mas sofrendo os golpes com que aquelas mortes seguidas lhe haviam lanhado o coração; além do mais decepcionado com algumas defecções politicas dos amigos do partido republicano - Quirino procurou consolo na conversa com as suas Musas inspiradoras. Já não era o poeta vibrante e fecundo dos primeiros tempos, mas guardava ainda, em toda a pureza, o êstro dos anos academicos que o levantava para o céu azul dos sonhadores. Morreu em S. Paulo em 1886, com 45 anos incompletos. A "Gazeta" sobreviveu-lhe três anos, sob a direcção desanimada de Carlos Ferreira. Com a morte de Chico Quirino o grupo republicano sofreu um desfalque imenso que Campos Sales confessava numa das suas mais desconfortadas expansões:

" Quem poderá substituir o Quirino?" É que os proprios companheiros sentiam que, para aquele poeta e idealista explo-

sivo, cheio de expansões afetivas e coleras irrefreadas, mas de inteligência clara e coração transbordante, não havia substituto.

E o poeta, que vivia a conversar com as suas "Estrelas Errantes", certamente reatou a conversa com os filhos aos quais se foi juntar, num mundo melhor, aligeirado de penas e sofrimentos.

*Diário do Povo. Campinas 20-I-1961*